



OF. nº 994/2012

Florianópolis, 29 de novembro 2012.

Excelentíssimo Senhor
João Raimundo Colombo
Governador do Estado de Santa Catarina
Florianópolis - SC

SCC 29/11/2012

4219/2012 12:02



10068.2012.00004350

Senhor Governador:

Com os nossos cordiais cumprimentos, informamos a Vossa Excelência que a Comissão de Saúde da Assembleia Legislativa de Santa Catarina juntamente com outros deputados, a imprensa e representantes do SindSaúde realizaram uma visita à hospitais públicos de Florianópolis para acompanhar de perto a situação dos hospitais onde os servidores estão em greve.

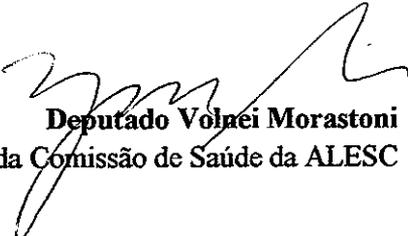
A comitiva visitou os Hospitais Celso Ramos, Infantil Joana de Gusmão, Regional São José, Maternidade Carmela Dutra e Instituto de Cardiologia. Foram dois dias de visitas, na terça-feira(27) e quarta-feira(28). Todos os problemas diagnosticados estão em um relatório que segue anexo.

Grande parte dos problemas relatados já está ocorrendo há muitos anos, independente da greve. O movimento grevista serviu apenas para evidenciar mais essa realidade. Por outro lado a greve penaliza sobremaneira a população. Por isso reiteramos a Vossa Excelência um pedido de audiência, conforme ofício nº 969, encaminhado ao governador em exercício Eduardo Pinho Moreira, para a Comissão de Saúde acompanhada de outros deputados dessa Casa tratar da greve dos servidores públicos, suas reivindicações, alternativas e a necessidade imperiosa do diálogo.

Desta forma, e certos de importância do assunto, tanto para o Governo do Estado, quanto para os servidores públicos da Saúde e, especialmente, para os usuários do SUS solicitamos sua especial atenção ao pleito supracitado.

Ao apresentarmos nossos agradecimentos pela atenção reiteramos nossas distintas considerações.

Respeitosamente,



Deputado Volnei Morastoni
Presidente da Comissão de Saúde da ALESC

Palácio Barriga Verde
Rua Jorge Luz Fontes, 310 | Centro
CEP 88020-900 | Florianópolis | SC
Fone (48) 32 21 2759
www.alesc.sc.gov.br
E-mail: comissaodesaude@alesc.sc.gov.br



RELATÓRIO DA VISITA AOS HOSPITAIS INFANTIL JOANA DE GUSMÃO, HOSPITAL CELSO RAMOS, INSTITUTO CATARINENSE DE CARDIOLOGIA, HOSPITAL REGIONAL SÃO JOSÉ E MATERNIDADE CARMELA DUTRA.

Data: 27/11/2012

O deputado Volnei Morastoni, presidente da Comissão de Saúde, reuniu os deputados membros da Comissão, Serafim Venzon e Sargento Amauri Soares e os deputados Dirceu Dresch, Ana Paula Lima e Angela Albino, a imprensa e representantes do SindSaúde para uma visita aos Hospitais Infantil Joana de Gusmão e Celso Ramos.

A intenção era ver de perto a situação dos Hospitais da Capital, onde os servidores estão em greve. O próprio SindSaúde sugeriu as visitas na semana passada, quando estiveram na Assembleia Legislativa.

Hospital Infantil Joana de Gusmão

As portas de entrada do Hospital Infantil estavam fechadas, com um segurança na porta da Emergência. O Hospital só está atendendo emergências encaminhadas de outras Unidades, ou que chegam na ambulância. De acordo com o presidente do SindSaúde, Pedro Paulo Chagas a emergência está fechada por incompetência da administração, porque têm cinco médicos de plantão, o que seria suficiente pra manter a emergência aberta, atendendo normalmente.

O maior problema hoje do Hospital é a falta de funcionários e as obras iniciadas em 2010 que ainda não acabaram. Com a greve 61 leitos foram fechados, fora 80 que já estavam desativados. A unidade está trabalhando com 60 leitos em funcionamento. Das oito salas de cirurgia, quatro estão fechadas

Para reativar todos os leitos o Hospital precisa de 400 funcionários a mais. Hoje o Hospital tem 800 funcionários, 180 são médicos, 15% sempre estão de férias ou de licença.

Um dos motivos da greve foi a contratação de 500 funcionários só para o Hospital Regional, depois de um estudo feito por uma empresa contratada pela Secretaria Estadual de Saúde. A contratação dos funcionários a mais acabou com a hora-plantão, uma das reivindicações dos grevistas, e no Regional têm funcionários sobrando, enquanto nos outros hospitais está faltando. Mas as contratações foram suspensas pela Secretaria Estadual de Saúde. A notícia que se tinha era de que essa contratação seria progressiva e para todos os hospitais, mas isso não aconteceu.

O Hospital está realizando cirurgia só de urgência, as eletivas foram suspensas. Em dias normais o diretor do Hospital garantiu que conseguem atender a demanda, ele disse ter alguns pontos de estrangulamento. Sobre reformas o Hospital está com uma obra provisória, um centro cirúrgico provisório. A Unidade C que atenderia Gastroenterologia e



outros foi inaugurada, mas não está funcionando por falta de gente. O ambulatório é referência para todo o Estado. Basicamente é um hospital de referência. O diretor reclamou que os municípios não fazem sua parte. Cerca de 40% do atendimento são pacientes de Florianópolis, 60% são de outras cidades do Estado.

Hospital Celso Ramos

No Hospital Celso Ramos os problemas se repetem. São necessários mais 540 servidores. Faltam 175 técnicos de enfermagem e mais 2 anestesistas. Os deputados se reuniram com o diretor Ivan Moritz, que recebeu a comitiva numa sala de reuniões. De acordo com o diretor os 2º e 4º andares estão fechados por conta da greve. A UTI está funcionando plenamente. O centro cirúrgico tem sete salas, mas está funcionando com três. Uma destinada às cirurgias eletivas já agendadas antes da greve e as outras duas atendendo as emergências. Conforme o Diretor tem duas UPAS em Florianópolis, se tivesse uma no centro da cidade para atender as emergências que não são necessárias serem atendidas no hospital de Alta complexidade, melhoraria, e muito, o atendimento das reais emergências. Hoje só estão atendendo pacientes referenciados. O diretor reclamou da falta de remédios, equipamentos e material para procedimentos simples, que ficam a mercê de licitações que demoram nove meses. Também reclamou da Vigilância Sanitária que interditou há dois anos 52 leitos de ortopedia e do Ministério Público que cobra atendimento, mas não facilita em nada para o hospitais.

A questão do atendimento a pacientes de fora de Florianópolis também é um problema. De acordo com o diretor tem mil pacientes esperando cirurgia, só em urologia, desses 60% são de fora. Aproveitaram a oportunidade para criticar a ambulancioterapia. Por isso fica clara a necessidade da descentralização de atendimento nas especialidades pelo interior do estado, como foi diagnosticado em várias audiências da Comissão de Saúde da ALESC.

O quadro funcional também é um problema grave. Atualmente o Hospital conta com 1100 funcionários, mas precisaria de mais 540. Com a greve 130 leitos estão fechados, fora os 50 fechados pela vigilância por problema de goteiras e infiltração. Tem apenas 68 leitos em funcionamento. Os internados do setor de ortopedia estão ocupando os corredores do hospital por falta de leitos. Numa situação caótica, onde têm pessoas há cinco dias internadas sem tomar banho e usando como cama uma cadeira. Pessoas idosas em macas no corredor.

O deputado Volnei ressaltou que falta autonomia administrativa e financeira por parte dos hospitais. E também falta vontade política do Governo do Estado para colocar a saúde na prioridade que merece, porque recursos têm. Depois da visita aos hospitais o presidente da Comissão também visitou a concentração dos servidores em greve, que ocupam um espaço há 200 metros dos hospitais. De acordo com o presidente do SindSaúde os servidores garantem que querem voltar ao trabalho, mas nas atuais condições, que a própria comitiva pode conferir, não dá.

Visitas aos Hospitais Carmela Dutra, regional de São José e Instituto de Cardiologia 28/11

Instituto Catarinense de Cardiologia

O presidente da Comissão de saúde, deputado Volnei Morastoni se reuniu com os deputados Sargento Amauri Soares, Ana Paula Lima, Serafim Venzon, para o segundo dia



de visita aos hospitais. A comitiva começou a visita pelo Instituto de Cardiologia onde foram recebidos pelo gerente administrativo Romualdo Leoni Tiezerin, em seguida pelo diretor do hospital, Jamil Schneider. Foram diagnosticados vários problemas em virtude da greve, mas uma série de outros problemas que já vem há anos causando sérios problemas no atendimento. A emergência está fechada, e antes mesmo da greve estava funcionando com muitas dificuldades. O maior problema de acordo com o diretor é a falta de funcionários. O Centro Cirúrgico está fechado, a unidade de UTI semi intensiva também está fechada, dos 15 leitos, só 10 estão em funcionamento, tem gente acomodada em cadeiras nos corredores, falta equipamentos, espaço físico, falta médicos especialistas, falta leitos de UTI, carência no setor administrativo, mas o maior problema apontado pela direção do hospital é a falta de técnicos de enfermagem e enfermeiros.

A direção já solicitou à Secretaria Estadual de Saúde nove cardiologistas, seis anestesistas, 50 técnicos de enfermagem, 15 enfermeiros e 10 técnicos administrativos. Os funcionários contratados para o Regional poderiam ser cedidos através de hora-plantão, mas de acordo com o diretor não tem como montar uma escala contando apenas com servidores que farão hora-plantão. A direção é contra a extinção imediata da hora-plantão

Recentemente foi fechada uma unidade de internação com 25 leitos. O Hospital tem uma unidade de hemodinâmica com apenas um aparelho de cateterismo, esse aparelho sempre dá problema e o conserto pode demorar até um mês, quando não ficam esperando por peças importadas. Sem o funcionamento desse aparelho pacientes são transferidos para outros hospitais, correndo um risco muito grande. Aparelho de ecocardiografia também tem apenas um, e a demanda é muito grande, e ainda corre o risco de parar de funcionar a qualquer momento. Há muito tempo a direção tem solicitado mais aparelhos, sem nenhum retorno por parte da Secretaria Estadual de Saúde.

Têm mais de 100 pacientes aguardando na fila de espera há anos por procedimentos cirúrgicos, muitos já devem ter morrido de acordo com o diretor, e os que são internados aguardando por cirurgia ficam internados esperando por dois a três meses. Antigamente o Hospital realizava com folga 40 cirurgias por mês, hoje esse número caiu pela metade, e com muitas dificuldades realizam 20.

Parte da Coronária e Unidade A de internação também estão fechadas e as cirurgias eletivas foram suspensas. Mesmo que a greve acabe hoje esses problemas do Instituto de Cardiologia não serão sanados, por falta de pessoal.

Hospital Regional São José

A segunda visita da comitiva foi ao Hospital Regional São José. Todos foram recebidos pela diretora Marise Rodrigues. A Secretaria Estadual de Saúde contratou recentemente novos funcionários para o Hospital Regional, 573 foram chamados e 500 contratados. Essa contratação apenas no Regional e o anunciado fim da hora-plantão foram os motivos da greve.

De acordo com a diretora todos os setores estão abertos porque apenas 24% dos servidores aderiram à greve. A contratação amenizou o problema, mas ainda tem muitas dificuldades no período noturno. Também faltam médicos para algumas especialidades, como anesthesiologista, não assumiu nenhum pelo concurso, o Hospital precisa de mais 20.



O Regional conta com sete sala cirúrgicas, mas só quatro estão funcionando, e isso independe da greve. Tem 12 leitos de UTI abertos e seis fechados, que precisam de equipamentos para funcionar. Em dias normais a emergência chega a atender 500 pacientes por dia, atualmente essa demanda está em 300.

Ficou constatado nessas visitas que falta autonomia administrativa e financeira para a gestão dos hospitais administrados diretamente pelo Governo do Estado, que possibilitaria orçamento, planejamento e metas a serem atingidas, além de mais agilidade nas decisões e providências.

Maternidade Carmela Dutra

Na Maternidade Carmela Dutra a comitiva foi recebida pelo diretor Ricardo Maia. Ele falou rapidamente do projeto para a construção de uma nova sede hospitalar, ficando a área atual para a parte administrativa. De acordo com ele as instalações são muito antigas e a Maternidade não suporta novas reformas.

Atualmente são 103 leitos, mas 35 estão fechados. Tem 10 leitos de UTI neonatal, 14 de leitos intermediários que estão sendo usados como UTI neonatal, seis estão fechados. O ambulatório está fechado e não estão sendo realizadas cirurgias de videolaroscopia. A Maternidade é o único hospital que faz esse tipo de cirurgia pelo SUS no Estado.

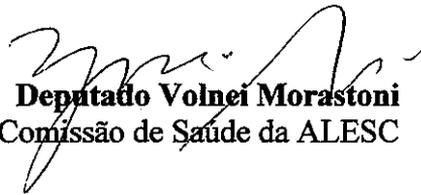
A maternidade está atendendo hoje com 30% da capacidade, antes da greve atendiam em torno de 70%. Faltam médicos obstetras e pediatras, e se faz necessária a contratação de mais 30 enfermeiras. O Hospital atende 2500 pessoas por mês e realiza cerca de 400 partos por mês e oito cirurgias ginecológicas por dia. As cirurgias eletivas foram canceladas, têm pacientes há quatro anos esperando por uma cirurgia de reconstituição de mama e mais de 200 aguardam na fila esperando por cirurgias.

No Carmela faltam materiais simples, como copos plásticos, fita adesiva, canetas e até assento para os vasos sanitários conforme relatou uma funcionária.

A médica de plantão na neonatologia também fez um desabafo, emocionada ela falou da falta de estrutura, espaço físico, e locais adequados para descanso e até higiene pessoal das

equipes de plantão. Ressaltou que o problema da saúde vem se agravando nos últimos 12 anos, mas nos últimos dois a situação ficou insustentável.

Ficou clara a insatisfação dos funcionários, mesmo dos que não aderiram à greve, eles se sentem abandonados pelo Governo do Estado. Estão fazendo um pedido de socorro. A greve apenas tornou público e mais evidentes os problemas graves que o setor vem enfrentado.



Deputado Volnei Morastoni
Presidente da Comissão de Saúde da ALESC